

## APRESENTAÇÃO

No presente número da *Revista Letras & Letras*, contemplamos a comunidade acadêmica com um dossiê que se intitula “Literatura Fantástica: Vertentes teóricas e ficcionais do insólito”. O tema do dossiê tem notável importância na área dos estudos literários, em virtude do alcance que as pesquisas sobre literatura fantástica vêm abrangendo nos últimos anos em universidades nacionais e estrangeiras. Tal abrangência pode ser constatada notadamente através do desempenho de diversos grupos de pesquisas de diferentes instituições de ensino superior do país, que vêm abrindo espaço para diálogos produtivos sobre a manifestação do insólito nas artes em geral, principalmente na literária, por intermédio de cursos, oficinas, vários eventos acadêmicos de grande, médio e pequeno porte e, especialmente, publicações especializadas.

Para se ter uma ideia da produtividade da atuação dos grupos de pesquisa na área em enfoque, faremos um brevíssimo histórico em que ficarão pautados alguns acontecimentos relevantes. No ano de 2007, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ –, instigado pelos excelentes resultados de um curso que havia ministrado sobre o maravilhoso, o sobrenatural, o estranho, o realismo mágico e o absurdo, o Prof. Dr. Flavio García, juntamente com o Prof. Dr. Marcello de Oliveira, em atividade promovida pelo grupo de pesquisas (hoje nomeado “Nós do Insólito”) que lideram, realizou o *I Painel: Reflexões sobre o Insólito na Narrativa Ficcional*, evento que, em 2012, teve sua décima primeira edição. No ano de 2009, contando com a adesão de novos alunos e professores e dialogando com outros grupos de pesquisa do país que trabalham com a literatura fantástica, o mesmo grupo da UERJ organizou o *I Encontro Nacional do Insólito como Questão na Narrativa Ficcional*, e, em 2012, coincidindo com a décima primeira edição dos Painéis, promoveu o *I Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional*.

Enquanto todo esse movimento acadêmico acontecia na UERJ, outro grupo de pesquisas – “Vertentes do Fantástico na literatura” – criado em 2008 na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP –, e tendo como líderes a Profa. Dra. Karin Volobuef (*campus* Araraquara) e a Profa. Dra. Roxana Guadalupe Herrera Alvarez (*campus* São José do Rio Preto), também realizava atividades diversas no sentido de dar relevo aos estudos sobre as manifestações do fantástico na literatura, e, por isso, em 2009, promoveu o *I Colóquio Vertentes do Fantástico na Literatura* na UNESP de Araraquara; dois anos depois, ocorreu a segunda edição do evento na UNESP de São José do Rio Preto.

Em 2010, na Universidade Federal de Uberlândia – UFU –, em Minas Gerais, o Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas – GPEA –, que tem

como líder a Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil e vice-líder a Profa. Dra. Maria Cristina Martins, organizou o evento *Colóquio de Estudos em Narrativa: História e Ficção no Universo do Fantástico*.

Contando com a atuação de docentes e discentes dos três citados grupos e de outros pesquisadores de diversas universidades de todas as regiões do país, foi criado junto à Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL – o Grupo de Trabalho “Vertentes do Insólito Ficcional”, que apresentou, no encontro nacional da ANPOLL de 2012, suas linhas de trabalho, os projetos de pesquisa a ele vinculados, bem como o cronograma de atividades a serem realizadas, como publicações e eventos. Até a presente data, a união de tais grupos de pesquisa propiciou ao público acadêmico a produção de variados livros, sejam como resultados dos eventos supracitados, sejam inerentes a projetos individuais dos pesquisadores que o compõem.

Com a intensa produtividade dos estudos sobre a literatura que tem como elemento estruturador o insólito, os professores **Flavio García** (UERJ), **Karin Volobuef** (UNESP Araraquara) e **Marisa Martins Gama-Khalil** (UFU) decidiram organizar um número temático sobre Literatura Fantástica, na Revista *Letras & Letras*, da Universidade Federal de Uberlândia. A submissão de artigos foi imensa, chegando ao número de mais de setenta trabalhos enviados. Com esse número volumoso de textos de pesquisadores de todas as regiões do Brasil e de pesquisadores de quatro países estrangeiros, os organizadores do referido número temático da revista decidiram aproveitar os trabalhos enviados para a publicação não só na *Letras & Letras*, como encaminhá-los para duas outras revistas com dossiês temáticos igualmente na área da literatura fantástica – o *Caderno Seminal Digital* ([http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos\\_seminal/caderno\\_seminal\\_jan\\_junho\\_12.pdf.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_seminal/caderno_seminal_jan_junho_12.pdf.pdf)), publicação vinculada à UERJ, e a *Revista Semioses* (<http://www.unisuam.edu.br/semioses>), publicação vinculada ao Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM).

A publicação proposta tem como intento reunir trabalhos que enfoquem o debate sobre as manifestações da literatura fantástica, em sentido lato, seja partindo de uma argumentação de ordem teórica, seja também refletindo acerca da construção dessa literatura através da análise de narrativas que apresentem em sua trama a irrupção do insólito ficcional. Consideramos como princípio norteador a ideia de literatura fantástica ser uma grande rede que abriga diversas formas de construção do insólito. Nesse sentido, alargamos os limites temporais e estéticos impostos pelos estudos todorovianos, e compreendemos o fantástico em suas mais diversificadas modalidades, desde o mito, passando pelo maravilhoso, pelo estranho até as mais recentes manifestações em que o insólito deixa sua marca na narrativa, por solapar as aparentes seguranças que o mundo “real” nos impõe.

A literatura fantástica, com a apresentação de um mundo tão insólito e plural, age no sentido de promover o exagero ou o deslocamento do real e, por isso, sua representação não nos conduz a uma negação deste, mas incita

sua revisão. Para que a revisão se concretize, é preciso mostrar que não existe Verdade, mas verdades, e dar um foco diferenciado aos fatos expostos ordenadamente pelas instituições que tentam discipliná-los e arrumá-los, e é por esse motivo que a literatura fantástica promove constantes deslocamentos – históricos e estéticos.

Para a apresentação do presente dossiê, distribuímos os artigos em oito conjuntos de subtemas relacionados ao tema maior a que se propõe este número da revista, e esses subtemas dividem a revista em oito seções. A primeira seção intitula-se “**O fantástico, suas concepções e alguns conceitos**” e é aberta com um artigo de **David Roas**, Professor Titular de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha, e premiado pela sua produção tanto teórica como ficcional relacionada à literatura fantástica; no ano de 2011, recebeu duas premiações importantes: o seu livro teórico intitulado *Tras los Límites de lo Real: Hacia una Definición de lo Fantástico* foi contemplado com o V Prêmio Málaga de Ensaio, e o seu livro de contos *Distorsiones* ganhou o VII Prêmio Setenil como o melhor livro de contos da Espanha. O artigo de Roas que abre nosso dossiê trata de uma das personagens mais antigas e populares da arte fantástica, o vampiro. Roas estuda as mutações pelas quais passa o vampiro na literatura até chegar a narrativas pós-modernas, nas quais essa personagem ganha outra dimensão de trabalho, não estando associada estritamente ao âmbito da ficção fantástica.

O segundo artigo desta primeira seção traz outro importante expoente teórico dos estudos sobre literatura fantástica, o peruano **Elton Honores**, professor da Universidade Nacional Maior de San Marcos, de Lima, que, como o espanhol Roas, enceta a discussão sobre os monstros para falar da arte fantástica, usando exemplos da literatura peruana. Para Honores, a literatura de horror, na qual se inserem os monstros, pode ser configurada como uma sublinha da literatura fantástica.

**Maria João Simões**, professora da Universidade de Coimbra, é autora do terceiro artigo da primeira seção, em que, através da análise de narrativas do escritor brasileiro Murilo Rubião, do espanhol David Roas e da portuguesa Maria João cantinho, debate sobre as especificidades da literatura fantástica que se constitui a partir do jogo de subversão das fronteiras entre o real e o irreal, o lógico e o ilógico, o pensado e o ainda não-pensado.

Fechando a primeira seção, oferecemos ao leitor o artigo da professora da UERJ **Maria Cristina Batalha**, que repensa algumas vertentes teóricas da literatura fantástica a partir de várias concepções de autores que se dedicaram ao gênero. Batalha mostra as diferentes variantes teóricas, apontando divergências relativas aos conceitos a ela vinculados, como, por exemplo, fantasia, imaginação e sobrenatureza.

A segunda seção, “**O fantástico inquietante e estranhador**”, abriga três artigos que se constroem por intermédio da discussão da noção de estranho/inquietante, desenvolvida por Sigmund Freud. **Adelaide Caramuru Cezar**, professora da Universidade Estadual de Londrina – UEL –, compõe seu debate com base em uma perspicaz análise de “Droenha”, de João Guimarães Rosa.

**Regina da Costa da Silveira**, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da UniRitter, de Porto Alegre, e **Karine Miranda Campos**, mestranda do referido Programa, tecem sua análise através da leitura de narrativas de Gabriel García Marquez e de Ondjaki.

**Madalena Machado**, professora da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT –, parte da noção de estranhamento para discutir a categoria do insólito em narrativas de Ricardo Dicke.

O objeto da terceira seção é “**O fantástico e a categoria do espaço narrativo**”, onde temos o artigo de **Patricia Garcia**, doutora pela Dublin City University, e o artigo de **Oziris Borges Filho** e **Nilfan Fernandes da Silva Júnior**, professor doutor da UFTM e graduado em Letras pela UFTM respectivamente.

Patricia Garcia defende, a partir de algumas distinções conceituais, como espaço e lugar, por exemplo, que o espaço narrativo tem funções variadas dentro da ficção fantástica. Borges Filho e Silva Júnior selecionam as noções de topofilia e de topofobia para analisar uma narrativa de J. R. R. Tolkien que se elabora por intermédio da construção do insólito.

A quarta seção, “**O fantástico na narrativa fílmica**”, tem por cerne as discussões. O primeiro artigo é do professor **Nilton Milanez**, da Universidade do Sudoeste da Bahia – UESB – (*campus* Vitória da Conquista), que fez seu pós-doutorado em Discurso, corpo e cinema na Sorbonne Nouvelle, orientado pelo Prof. Dr. Jean-Jacques Courtine. Em seu estudo, Milanez analisa o discurso fílmico de “Casa de Usher” de Roger Corman, que toma como referência o conto “A queda da Casa de Usher” de Edgar Allan Poe.

**Alcebíades Diniz Miguel**, pós-doutorando pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, discute como o diretor de cinema e autor de ficção Guillermo del Toro constrói uma arte fantástica com base em idas e vindas em torno do mito, do sobrenatural e da ciência.

Fechando essa seção, a professora **Rita de Cássia Miranda Diogo**, da UERJ, contempla-nos com um artigo em que discute a relação entre a modernidade, o cinema e o fantástico na construção ficcional de Julio Cortázar.

Na quinta seção, composta por três artigos e cujo foco se concentra na relação entre “**O fantástico e a ficção científica**”, a primeira contribuição, de autoria do professor **Alexander Meireles da Silva**, da Universidade Federal de Goiás – UFG (*campus* Catalão) –, trata-se de uma discussão sobre aproximações e diferenças entre as obras de Karel Čapek e Franz Kafka.

O segundo artigo, do professor **André de Sena**, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE –, tem como objetivo explorar as possíveis conjunções entre o fantástico e o horror nas narrativas de cunho “pseudocientífico”.

Finalizando a seção, temos o artigo do professor **Robson Lacerda Dutra**, da Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO, que é construído por intermédio de uma análise das obras *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury e *O Quase fim do mundo*, de Pepetela, na qual o autor demonstra que, na composição do insólito, o real não é negado, porém redimensionado através de olhares outros sobre a ciência e sobre o ser humano.

A sexta seção expõe como centro discussões sobre **“O fantástico em Murilo Rubião”**. É uma sessão importante em um dossiê que tem por fito levantar discussões em torno da literatura fantástica, na medida em que Murilo Rubião possui enorme relevo na construção do insólito na literatura brasileira.

Nessa seção, dois contos de Rubião são tomados como objeto de análise: “Petúnia”, no primeiro artigo, de autoria da professora **Maria Célia Leonel**, docente e pesquisadora da UNESP (*campus* Araraquara), e de **Fabiola Maceres Silva**, mestranda do Programa em Estudos Literários daquela mesma Instituição; e “Teleco, o coelhinho”, de autoria de **Antonia Marly Moura da Silva** e **Francisco Edson Leite**, respectivamente, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – e mestrando do mesmo Programa.

**“O fantástico em Borges”** é o tema da sétima seção deste dossiê e, nela, o leitor encontrará dois artigos que discutem a obra desse autor argentino de admirável valor para o entendimento da literatura fantástica no século XX. O primeiro artigo, de autoria da professora **Heloísa Helena Siqueira Correia**, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR –, e tem por meta a discussão acerca do fantástico metafísico (ou da metafísica fantástica) nas narrativas de Jorge Luis Borges.

O segundo, assinado pelo professor **Pedro Dolabela Chagas**, da Universidade do Sudoeste da Bahia – UESB –, trata das implicações do insólito para a teoria e para a crítica da narrativa postuladas por Borges e Adolfo Bioy Casares.

A última seção intitula-se **“O fantástico em narrativas de língua inglesa”** e possui dois artigos. O primeiro, de **Fernanda Aquino Sylvestre**, professora da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG –, aborda as relações intertextuais do conto “A Bela Adormecida” com a novela “Briar Rose”, de Robert Coover. O segundo artigo, de autoria do professor **André Cechinel**, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC –, põe em relevo a elaboração do insólito em narrativas de Henry James.

Com este dossiê, oferecemos ao leitor vinte e uma diferentes visões sobre o fantástico que demonstram, pela perspectiva teórica e/ou analítica adotada por seus autores, estratégias discursivas e temáticas de elaboração estética da literatura que tem o insólito como elemento de base. Esperamos, nesse sentido, não só contribuir para mapear algumas formas de compreensão dessa literatura como também instigar novas possibilidades de sua interpretação.

*Marisa Martins Gama-Khalil*  
UFU / CNPq

*Flavio García*  
UERJ

*Karin Volobuef*  
UNESP - Araraquara